

O IMPACTO DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NOS ÍNDICES DE ENDIVIDAMENTO E INVESTIMENTO NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE

Paula Gabriela Silvestre dos Reis¹

Jocélia Antunes Soares Aguiar²

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar de que maneira a educação financeira pode interferir nos índices de endividamento e de investidores da população da região metropolitana de Belo Horizonte. Para concluir essa análise foi necessária uma pesquisa bibliográfica, de caráter quantitativo com objetivo de conscientizar os inadimplentes a construir uma educação financeira para uma melhor tomada de decisão em relação ao dinheiro. Os resultados desta pesquisa estão vinculados ao nível de educação financeira e indicam padrões de inadimplência e adimplências. Essas tendências são ditadas pelo comportamento de consumo e conhecimento financeiro dos entrevistados.

Palavras-chaves: Educação financeira. Inadimplência. Investimentos.

Abstract: The presente work aims to analyse how financial education can interfere with default rates and investors in the population of the metropolitan region of Belo Horizonte. To complete his analysis, a bibliographical research was necessary, of a quantitative nature, with the objective of raising the awareness of defaulters to build financial education for better decision-making in relation to money. The results of this survey are linked to the level of financial education and indicate patterns of default and non-payment. These trends are dictated by the consumption behavior and financial knowledge of the interviewees.

Keywords: Financial Education. Default. Investments.

Data de submissão: 00/00/0000 – **Data de aprovação:** 00/00/0000 – **Data de publicação:** 00/00/0000

1. INTRODUÇÃO

Em julho de 1994 instalou-se na economia brasileira o Plano Real, criado por Fernando Henrique Cardoso no governo do presidente Itamar Franco, com o objetivo de controlar e estabilizar as alterações constantes dos preços causadas pela hiperinflação. Após a aplicação do plano, o poder de compra da população brasileira aumentou e quem antes não conseguia comprar itens básicos como alimentos e remédios passou a vê-los com mais frequência dentro de casa (MARQUES, 2021).

Com a constante atualização do mercado financeiro tornou-se mais fácil comprar alguns produtos atrelados ao grande marketing, e com essa facilidade de compra, as pessoas com pouco conhecimento financeiro ficam prejudicadas, pois acabam comprando além daquilo que possam arcar. Dessa forma, a falta de informações sobre o mercado financeiro dificulta a administração

¹ Aluna Paula graduanda do curso de Ciências Contábeis da Faculdade de Administração Milton Campos.

² Mestre em Ciências Contábeis pela Fucape Business School

dos gastos, ocasionando uma geração de dívidas e descontrole financeiro. E é nessa situação que a abordagem da educação financeira é necessária para que haja uma melhor gestão das finanças pessoais (TOLOTTI, 2007).

Para começar a educação financeira se faz necessário entender a diferença entre endividamento e inadimplência. Quando o assunto é dívida, a maioria da população associa essa palavra à inadimplência, porém ambas as palavras possuem um significado completamente diferente uma da outra. O endividamento se trata do comprometimento com parcelas e pagamentos futuros, ou seja, que ainda irão vencer, e, a inadimplência é a ausência desse comprometimento financeiro, quando não se paga até a data do vencimento (NUBANK, 2022).

Em países desenvolvidos como Estados Unidos e o Reino Unido o tema educação financeira já é tratado como disciplinas curriculares nas escolas. Nos EUA o tema é inserido nas escolas secundárias e no Reino Unido é ofertado como matéria facultativa. (VIEIRA; BATAGLIA; SEREIA, 2011). No entanto o assunto educação financeira começou a ser tratado melhor no Brasil a partir do século XXI, onde no ano de 2010 foi elaborado o Decreto nº 7.397/2010 e renovada pelo Decreto nº 10.393 de 9 de junho de 2020, que tem por principal objetivo “contribuir para o fortalecimento da cidadania ao fornecer e apoiar ações que ajudem a população a tomar decisões financeiras mais autônomas e conscientes” (ENEF, 2020, p.1).

E tudo se inicia estipulando um plano financeiro familiar que é um conjunto de atitudes com a finalidade de organizar as receitas e as despesas da família como um todo. O principal objetivo é utilizar o dinheiro como algo estratégico para trazer prosperidade para a família. (FERREIRA *et al.*, 2022). Alinhado a isso, foi estabelecido um problema de pesquisa: **de que maneira a aplicação da educação financeira pode contribuir para a redução dos índices de inadimplência e no aumento de investidores na região metropolitana de Belo Horizonte?**

O presente trabalho não busca erradicar as implicações que o tema possui dentro da sociedade, mas busca analisar a contribuição da educação financeira na vida das pessoas e a sua utilização para uma boa tomada de decisão em relação ao dinheiro. E especificamente verificar e analisar os seguintes objetivos específicos: a) verificar como a educação financeira pode aumentar o número de investidores; b) verificar como a educação financeira pode reduzir a quantidade de inadimplentes; c) analisar dados pertinentes que comprovam a veracidade da realidade econômica dos brasileiros.

Esta pesquisa justifica-se pela sua contribuição sobre a educação financeira no Brasil, uma vez que aumentando o conhecimento da população sobre o mercado financeiro será possível reduzir a quantidade de inadimplentes e, conseqüentemente haja mais qualidade de vida para os brasileiros.

Além desta parte introdutória na qual se realiza uma abordagem geral sobre educação financeira, o presente artigo é organizado em outras quatro partes que consistem em: referencial teórico, seguido pela metodologia utilizada e as considerações finais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Educação financeira

A fim de compreender melhor a significância da educação financeira na vida da população, é indispensável ter uma definição nítida do seu significado e a sua constituição. Alinhado a isso, a Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico – OCDE (2005) traz a educação financeira definida da seguinte forma:

[...] o processo pelo qual consumidores e investidores melhoram seu entendimento sobre os conceitos e os produtos financeiros e, através da informação, instrução e/ou conselhos objetivos, desenvolvam as habilidades e a confiança para conhecer melhor os riscos e as oportunidades financeiras, e assim tomarem decisões fundamentadas que contribuem para melhorar seu bem-estar financeiro (OCDE, 2005, p.5).

A OCDE (2005) ainda afirma que com o recente crescimento econômico, a população brasileira está enfrentando situações e operações financeiras pouco conhecidas para a maioria. Em consonância ao crescimento econômico temos o aumento de possibilidades de consumo, o que se torna necessário viabilizar a educação financeira para elevar a conscientização dos indivíduos e familiares em relação a melhores tomadas de decisões relacionadas aos seus recursos financeiros.

Sendo assim adotar decisões financeiras responsáveis pode gerar impactos positivos não apenas na vida individual, mas também no futuro do país. A educação financeira é fundamental para ampliar a compreensão das escolhas de crédito, investimento, proteção, consumo e

planejamento financeiro, permitindo o desenvolvimento de uma relação equilibrada com o dinheiro. (ENEF, 2017).

De acordo com a OCDE (2005) a alfabetização financeira serve para as diversas classes e idades, uma vez que para os jovens em início de carreira e projetos pessoais o conhecimento financeiro auxilia no planejamento para combinar seus gastos com os seus recursos, impedindo um endividamento precoce. Dentro do seio familiar a educação financeira ajuda na organização para a compra de uma casa própria, de um automóvel, começar a investir a fim de iniciar uma previdência pessoal privada, ter condições de fornecer uma melhor educação para as crianças e adolescentes. E, em relação a classe trabalhadora que se aproxima da aposentadoria ou que já está nela, a educação financeira provê o conhecimento suficiente para ficar ou estar no padrão de vida seguro e com uma boa qualidade de vida, ao mesmo tempo que desenvolve habilidades para tomar as decisões certas.

2.1.1 Educação financeira no Brasil

No Brasil, educação financeira infelizmente não é muito habitual na vida de grande parte dos brasileiros. Para tal afirmação foi realizado um estudo publicado pelo Portal G1 (2019) sobre uma pesquisa realizada pela S&P Ratings Services Global Financial Literacy Survey, realizada em mais de 140 países e com base em mais de 150 mil entrevistas, apenas 35% dos brasileiros conseguiram responder corretamente às questões sobre educação financeira. Além disso, o Brasil ocupou a 74ª posição no ranking global, mostrando que há um longo caminho a percorrer para melhorar a educação financeira no país.

De acordo com a pesquisa realizada pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) e publicada pela revista EXAME (2022, p.20) “Até 48% dos brasileiros não adotam nenhum método para controlar o próprio orçamento.” Dentro ainda dessa pesquisa puderam verificar que desses 48%, 25% contam com a memória para registrar as despesas ocorridas e 20% não fazem nenhum registro. Pode-se inferir nitidamente que quase a metade da população não organizam suas receitas e despesas.

Vinculado aos dados apresentados e a premissa de que o Estado deve promover a educação financeira criou-se a ENEF – Estratégia Nacional de Educação Financeira, através do Decreto Federal 7.397/2010, e renovado pelo Decreto Federal nº10.319 e que tem o objetivo de tornar

dos brasileiros mais conscientes financeiramente, por meio de diversas estratégias a fim de expandir a educação financeira no Brasil. Um exemplo dessas estratégias é a web série, voltada para o público jovem, chamada R\$100 neuras, que retrata os desafios que existem para lidar com as despesas existentes e ainda sugerem dicas para uma administração adequada do dinheiro.(VEXTER, 2021)

Mesmo contendo políticas públicas é importante entender que a educação financeira deve também se iniciar dentro do seio familiar. Os pais devem ser os principais responsáveis por ensinar os filhos a lidar com dinheiro, e devem fazer isso de forma prática, envolvendo-os nas decisões financeiras da família, como escolher a melhor forma de pagamento, negociar preços e descontos, e estabelecer metas e orçamentos. (ARCURI, 2021).

2.1.2 Educação financeira dentro de casa

De acordo com Minuchin (1990. p.57) a família é um sistema que possui vertentes como crenças e valores que se desenvolvem a cada dia e estão diretamente ligadas as transformações da sociedade como forma de adaptação.

Assim como as crianças aprendem desde os primeiros anos de vida, dentro de casa com a família, valores como: responsabilidade, honestidade, humildade, limites, entre outros, a educação financeira também deveria estar atrelada a esses aprendizados, porque “é importante que elas saibam o valor do dinheiro em relação ao trabalho e que o consumo deve vir após as necessidades básicas” (D’AQUINO; CERBASI, 2008, p.16).

Os mesmos autores acima, salientam que os pais desempenham um papel importante no ensino da tolerância e da importância do poupar para a realização de objetivos. Além disso, é fundamental que os pais ensinem seus filhos a planejar seus gastos com base na quantia disponível no orçamento. Nesse contexto, a definição de necessidades e desejos é um aspecto crucial na educação financeira.

Para Vilhena (2011, p.10) “o sucesso financeiro de seus filhos será consequência de seus exemplos, atitudes e do incentivo para que o dinheiro seja um assunto sempre presente.”

2.2 Endividamento e inadimplência

De acordo com a UNESP Araraquara (2022. p. 2) “o termo “dívida” corresponde a um compromisso financeiro entre indivíduos ou para uma instituição financeira, esteja ele sendo pago em dia ou não” e, a inadimplência “compreende a parcela dos consumidores de possuem obrigações em curso, mas não conseguem cumpri-las, geralmente no período de até noventa dias”.

Segundo a pesquisa de endividamento e inadimplência do consumidor elaborada pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC, 2022) o percentual de famílias que possuem dívidas em agosto de 2022 aumentou 6,1% em relação a agosto do ano passado. Dentro dessas dívidas estão: cartão de crédito, cheque especial, carnê de loja, crédito consignado, empréstimos, prestações de bens como casa e carro.

TABELA 1 - Resultados de Endividados

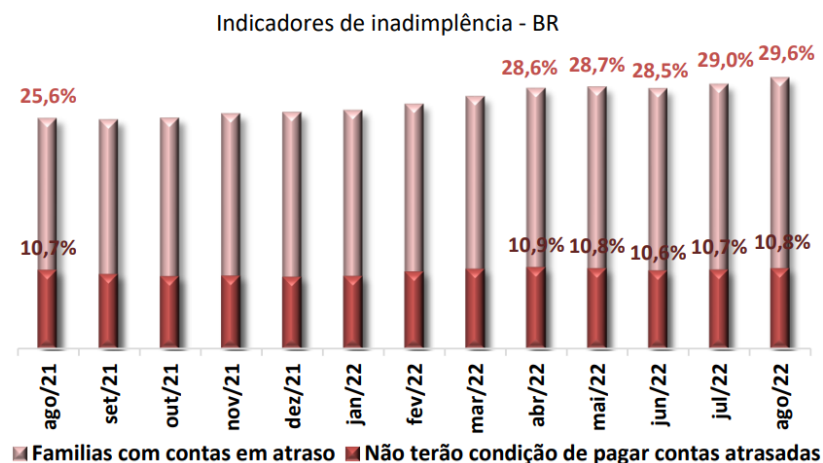
Síntese de resultados			
	Total de Endividados	Dívidas ou Contas em Atraso	Não terão condições de pagar
ago/21	72,90%	25,60%	10,70%
jul/22	78,00%	29,00%	10,70%
ago/22	79,00%	29,60%	10,80%

Fonte: (CNC, 2022)

Ainda sobre a pesquisa da (CNC, 2022), o percentual de mulheres endividadas é mais elevado do que os homens, sendo 81,9% e 78,3% respectivamente.

Com o crescimento de endividados consequentemente tem-se o crescimento de inadimplentes, uma vez que aos cidadãos que não conseguem honrar com os pagamentos no prazo estabelecido. Conforme (CNC, 2022) o percentual de brasileiros inadimplentes em agosto de 2022 foi de 29,6%, e desses, 10,8% não terão condições de quitar as dívidas o que faz com que permaneçam na inadimplência.

FIGURA 1 - Percentual de Inadimplentes



Fonte: (CNC, 2022).

É importante lembrar que o endividamento pode acarretar diversas consequências tanto financeiras quanto pessoais. Financeiramente, o comprometimento da renda no pagamento de juros e multas resultantes de atrasos de pagamentos de cartões, empréstimos e carnês, afeta o acesso a financiamentos, inclusive aos programas governamentais de incentivo à compra da casa própria. Em termos pessoais, o endividamento pode causar a desestruturação familiar, uma vez que os problemas financeiros geram pressões e estresses na administração das questões familiares e com as instituições. (FDR, 2022).

2.3 Investimentos

De acordo com Bodie *et al.*, (2015, p.1) “investimento é o comprometimento de dinheiro ou de outros recursos no presente com a expectativa de colher benefícios futuros”. Dessa forma, para poder investir precisa-se entender que o retorno financeiro não é imediato, já que os investimentos visam a longo prazo.

Comumente, há uma crença equivocada entre muitas pessoas de que investir e poupar possuem o mesmo significado e propósito. No entanto é importante destacar que essas duas ações possuem diferenças claras em suas definições e objetivos. Poupar refere-se a reservar o dinheiro excedente para utilização futura em quantidades maiores, ou seja, trata-se de uma forma de economizar recursos financeiros. Por outro lado, investir não se resume apenas a comprometer-se a acumular dinheiro, mas sim a aplicá-lo de maneira estratégica, visando obter um rendimento maior. (INTER, 2022).

A caderneta de poupança se tornou uma opção de investimento popular entre os brasileiros devido a sua simplicidade. No entanto, em um contexto de altas taxas de inflação, a poupança apresenta um retorno real negativo, o que vai contra as expectativas dos investidores. Hoje em dia, tem-se diversas outras modalidades de aplicação monetária no mercado as quais visam acumular e gerar juros ou rendimentos maiores que a poupança. Alguns exemplos incluem investimentos em ações, Certificado de Depósito Bancário (CDB), Letra de Crédito Imobiliário (LCI), Fundos de Investimento, Tesouro Direto e Previdência Privada. Alinhado a isso, quando o indivíduo toma a decisão de investir é importante que tenha conhecimento do seu perfil de investidor e das suas características, esse conhecimento facilita na tomada de decisão, tornando-a mais segura e alinhada aos objetivos de cada um (PAIVA *et al.*, 2020).

Saccol e Pieniz (2018) caracterizam o perfil conservador é caracterizado por buscar tranquilidade e segurança com o seu dinheiro aplicado, buscam opções seguras e não se importam com a baixa rentabilidade. Comumente, investidores de tal perfil detêm um nível diminuto de conhecimento e informação acerca de investimentos e do mercado financeiro. Geralmente, investidores com esse perfil possuem um nível reduzido de conhecimento e informação sobre investimentos e mercado financeiro.

Hoji (2007, p.106) define as pessoas de perfil moderado como as que “não são propensas a correr altos riscos, mas também não são excessivamente conservadoras”. Sendo assim, possuidoras de certo conhecimento do mercado. E por fim, o perfil arrojado são pessoas que estão dispostas a correr riscos e assumir as consequências de lucro ou prejuízo.

Alinhado a cada um dos perfis de investidor temos as modalidades para investimento, as quais são os títulos de renda fixa e títulos de renda variável. Berger (2021, p. 12) define renda fixa como “instrumento financeiro cuja característica principal é o conhecimento do valor de resgate no início do prazo da aplicação”. Dentro dessa modalidade se encontra a caderneta de poupança, títulos públicos, CDB, CDI e entre outros.

Berger (2021, p.13) define também renda variável em que “são caracterizados por não se conhecer ou por não existirem seus valores de resgate, em qualquer data”. E, são exemplos de renda variável as criptomoedas, ações, fundo imobiliários e entre outros.

3. METODOLOGIA

A referente pesquisa caracteriza-se como quantitativa descritiva. Segundo Sampieri, Collado, Lucio (2013, p. 30) “o enfoque quantitativo utiliza a coleta de dados para testar hipóteses, baseando-se na medição numérica e na análise estatística para estabelecer padrões e comprovar teorias”.

A pesquisa descritiva como nome propriamente diz busca descrever, e de acordo com Cerco e Brevian (2002, p. 66):

A pesquisa descritiva observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los. [...] Procura descobrir, com a precisão possível, a frequência com que um fenômeno ocorre, sua relação e conexão com outros, na sua natureza e características. [...] desenvolve-se, principalmente, nas ciências humanas e sociais, abordando aqueles dados e problemas que merecem ser estudados e cujo registro não conta documentos.

Relacionado a característica desta pesquisa e a finalidade de compreender a vida financeira e os conhecimentos da população selecionada, foi realizada uma pesquisa bibliográfica de artigos e livros que abordam o tema educação financeira e seus conceitos. Além da busca de dados nos principais órgãos que controlam índices de endividamento e inadimplência.

A fim de coletar dados e analisá-los foi elaborado um questionário com trinta e sete questões fechadas para aplicação com a população do problema de pesquisa, com faixa etária a partir de 18 anos, sexo feminino e masculino, com variados níveis de escolaridade e renda. Este questionário foi aplicado no mês de novembro de 2022 por meio das redes sociais WhatsApp e Instagram, e a coleta e controle dos dados foram feitos pelo auxílio da plataforma *google forms*.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Após encerramento do questionário, foram obtidas 105 respostas, das quais se encontrou uma distribuição quase igual entre os sexos, com uma pequena predominância feminina (50,5% mulheres e 49,5% homens). A maior parte dos respondentes encontra-se na faixa etária de 18 a 29 anos (74,2%). Uma proporção considerável está entre 30 a 54 anos (23,8%) e a minoria tem mais de 55 anos (1,9%).

Em relação à educação, a maior proporção de respondentes está cursando ou já concluiu o ensino superior. No total, 39% têm ensino superior incompleto e 27,6% têm ensino superior completo. Um percentual significativo (14,3%) tem pós-graduação completa. Há uma menor representação de pessoas com níveis educacionais mais baixos: 13,3% têm o ensino médio completo, 2,9% têm ensino médio incompleto e apenas 1% tem ensino fundamental incompleto.

No que tange à renda mensal, uma pluralidade dos respondentes (34,3%) ganha entre R\$1.213 a R\$2.424. Há uma proporção similar de respondentes (31,2%) que ganha até R\$1.212, e 29,5% ganham de R\$2.425 a R\$4.848. Uma minoria dos respondentes (8,6%) tem uma renda mensal acima de R\$8.485.

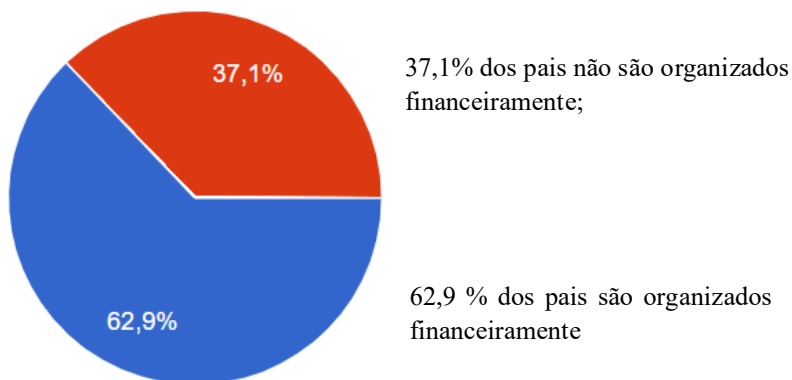
Essas correlações permitem-se ter uma imagem bastante completa do perfil dos respondentes, que parece ser constituído, em sua maioria, por indivíduos jovens de ambos os sexos, com grau de educação superior e ganhando um salário baixo a médio.

Buscou-se entender como é a relação dos respondentes com o dinheiro e quase metade dos respondentes (48,6%) indicou que a discussão sobre dinheiro, economia e metas financeiras é um assunto comum em suas famílias. Uma proporção significativa (32,4%) mencionou que o assunto é raramente abordado, sendo trazido à tona apenas em situações de problema financeiro. Em menor quantidade, alguns respondentes (14,3%) indicaram que apenas uma pessoa na família lida com o assunto do dinheiro, enquanto uma minoria (4,8%) disse que o dinheiro nunca é discutido em suas casas.

Ao explorar a percepção dos respondentes sobre a organização financeira de seus pais ou responsáveis, encontramos uma divisão similar: 62,9% acreditam que seus pais ou responsáveis são financeiramente organizados, enquanto 37,1% não acredita nisso. Este resultado foi igual à resposta sobre a crença na própria boa educação financeira - 62,9% acreditam ter uma boa educação financeira, enquanto 37,1% não acreditam.

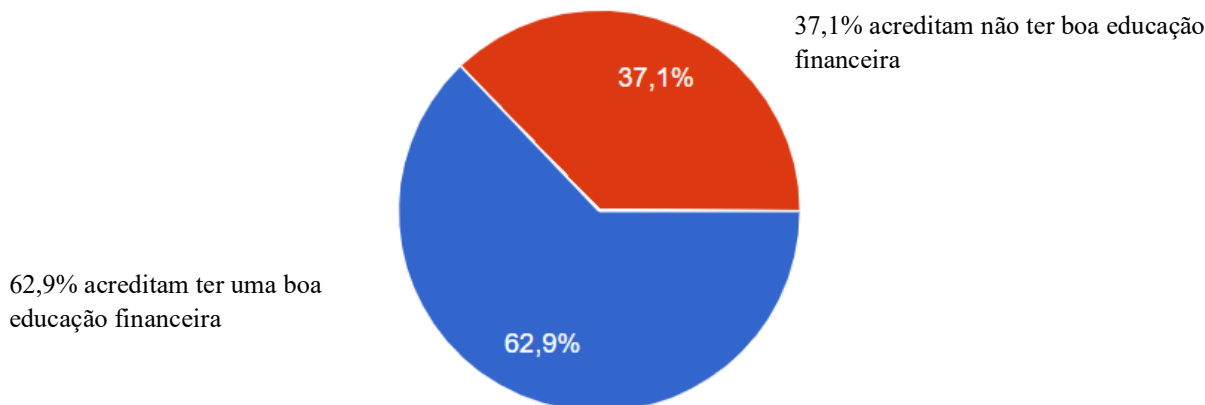
Isso sugere que há uma correlação entre a percepção de organização financeira dos pais e a autopercepção de educação financeira. Além disso, a maneira como o dinheiro é discutido (ou não discutido) na família pode ter um papel na formação dessas percepções.

FIGURA 2 – Pais organizados financeiramente



Fonte: dados da pesquisa, 2023

FIGURA 3 – Avaliação sobre uma boa educação financeira



Fonte: dados da pesquisa, 2023

Buscou-se entender qual é a avaliação a respeito da situação financeira de cada indivíduo em que a maioria dos respondentes avalia a sua situação financeira como positiva, com 37,1% classificando-a como boa e 29,5% como ótima. Uma parcela considerável (25,7%) considera sua situação financeira regular, enquanto uma minoria (7,6%) avalia como ruim. Ao correlacionar esses dados com o uso de crédito, nota-se que a maioria dos respondentes (82,9%) possui cartão de crédito. Apenas 9,5% afirmaram não possuir cartão de crédito, enquanto 7,6% afirmaram ter tido um cartão de crédito no passado. Quanto ao empréstimo bancário, a maioria (68,6%) nunca fez uso desse recurso, enquanto 17,1% afirmaram ter um empréstimo ativo e 14,3% já utilizaram esse serviço em algum momento.

Esses dados, em conjunto, sugerem que, embora a maioria dos respondentes avalie a sua situação financeira como positiva e possua cartão de crédito, a maioria nunca fez uso de

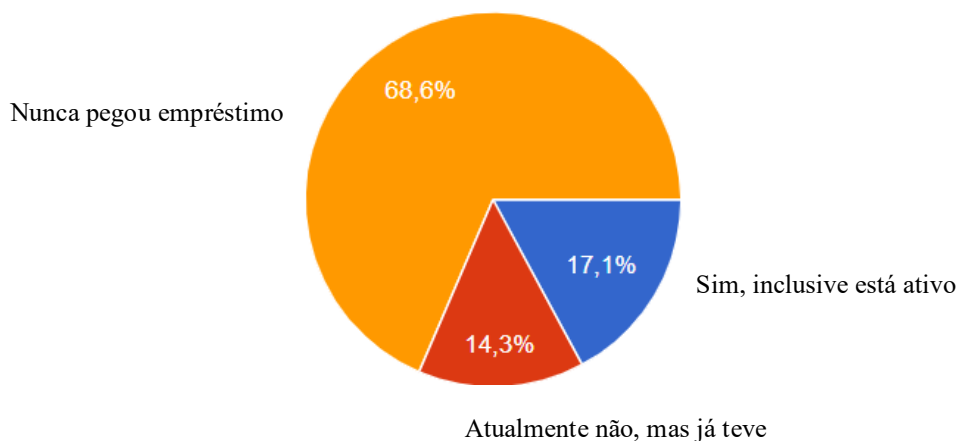
empréstimo bancário. Isso pode indicar que, embora estejam confortáveis com o uso de crédito na forma de cartões, os respondentes são mais cautelosos ou não necessitam de empréstimos bancários, o que poderia estar relacionado à sua autoavaliação financeira positiva.

FIGURA 4 – Cartão de crédito



Fonte: dados da pesquisa, 2023

FIGURA 5 – Posse de empréstimos



Fonte: dados da pesquisa, 2023

Além de entender quais modalidades de créditos que os respondentes possuem, procurou-se entender também qual é a reação deles em determinadas situações que exijam planejamento e o uso do dinheiro, além das situações de inadimplência causada pela ausência da honra dos compromissos. Em que há uma correlação entre o uso de cartões de crédito e a inadimplência. Dos que se declararam inadimplentes, 30,5% disseram que a inadimplência foi devida ao uso de cartão de crédito. Se olharmos para a relação que as pessoas têm com o cartão de crédito, 13,3% delas utilizam muito o cartão e não quitam o valor total da fatura. Esse comportamento pode estar relacionado à alta taxa de inadimplência causada pelo uso do cartão.

A segunda maior categoria de usuários de cartão de crédito é aquela que usam o cartão para parcelar compras quando não têm dinheiro (35,2%). Esse comportamento, se não bem gerenciado, pode levar a um aumento da inadimplência, uma vez que pode haver dificuldades em honrar os compromissos de pagamento ao longo do tempo.

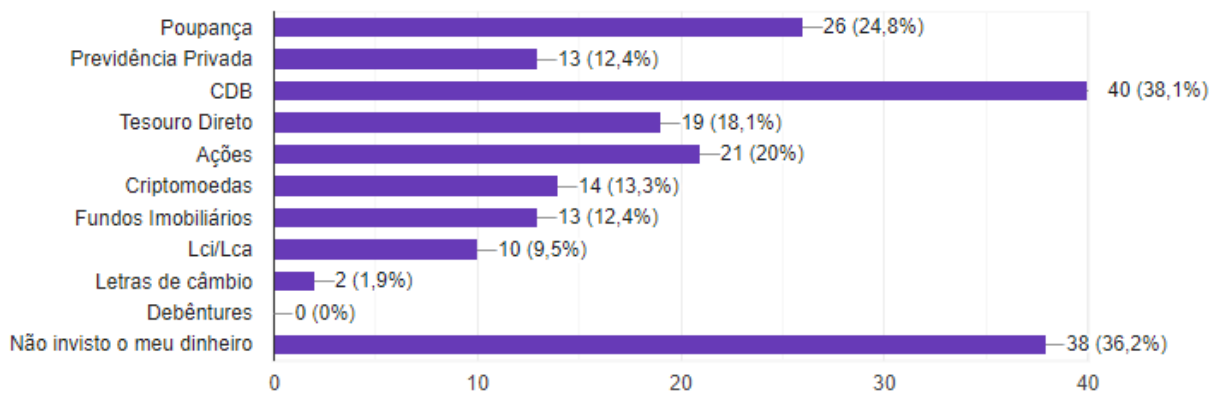
Cerca de 13,4% dos respondentes conseguiram contornar a situação de inadimplência. Isso indica que, mesmo entre os que se tornaram inadimplentes, é possível resolver a situação e voltar a estar em dia com suas obrigações financeiras. As demais fontes de inadimplência mencionadas pelos respondentes foram o cheque especial (10,5%), empréstimos (7,6%) e financiamento de veículos (2,9%). Isso indica que, além do cartão de crédito, existem outras modalidades de crédito que também contribuem para a inadimplência.

Buscou-se entender como os respondentes controlam as suas finanças, se elas já realizaram algum curso ou leram algum livro da área de finanças pessoais e pode-se identificar que dos entrevistados, 32,4% têm total controle do que recebem e gastam, enquanto 24,8% realizaram algum curso relacionado a finanças pessoais e 35,2% já leram algum livro sobre finanças pessoais. Isso sugere que a educação financeira pode estar correlacionada ao maior controle financeiro.

Correlacionando a educação financeira por meio de cursos e livros e o hábito de investir tem-se que 45,7% dos entrevistados investem, e uma parte deles pode ter sido motivada ou instruída pelos cursos ou livros de finanças pessoais que já consumiram. Isso sugere uma possível correlação entre a educação financeira e a propensão para investir.

Entre os entrevistados, 41,9% sempre reservam dinheiro para contingências e 45,7% têm o hábito de investir. Esse dado sugere uma correlação entre o hábito de fazer reservas de dinheiro e o de investir, possivelmente indicando uma mentalidade financeira mais conservadora e prudente entre esses indivíduos. Entre os que investem, a maioria escolhe opções de renda fixa (CDB com 38,1% e Poupança com 24,8%) em vez de renda variável (ações com 20% e criptomoedas com 13,3%). Isso pode indicar uma preferência por segurança em relação ao retorno potencialmente maior, o que pode estar correlacionado ao grau de controle financeiro que essas pessoas exercem.

FIGURA 6 – Modalidades de aplicações financeiras.



Fonte: dados da pesquisa, 2023

Por fim, perguntou-se aos respondentes qual é a importância que o dinheiro deve ter na vida das pessoas e levantou-se 3 percepções distintas sobre o papel do dinheiro na vida dos respondentes:

1. Dinheiro como Facilitador de Sonhos: A maioria dos entrevistados (69,5%) vê o dinheiro como uma ferramenta necessária para a realização de sonhos. Isso pode estar correlacionado com os dados anteriores que mostraram um percentual considerável de pessoas que têm o hábito de investir (45,7%) e que sempre reservam dinheiro para contingências (41,9%). Estes podem ser indicadores de uma mentalidade voltada para a construção de um futuro financeiro estável e a realização de objetivos de longo prazo.
2. Dinheiro como Necessidade Básica para Felicidade: Uma parcela significativa dos entrevistados (27,6%) considera o dinheiro como uma necessidade básica para a felicidade, o que implica a possibilidade de adquirir o que desejam. Isso pode estar correlacionado com os 32,4% que têm total controle do que recebem e gastam, sugerindo um foco no consumo consciente e na satisfação das necessidades e desejos pessoais.
3. Dinheiro para Gastar: A menor parcela dos respondentes (2,9%) acredita que o dinheiro foi feito para ser gasto, e que quanto mais se ganha, mais se deve gastar. Embora esta seja uma minoria, esta percepção pode estar relacionada aos 11,4% que não fazem nenhum tipo de levantamento financeiro, possivelmente refletindo uma abordagem mais despreocupada ou impulsiva em relação ao dinheiro.

Essas correlações sugerem diferentes mentalidades e atitudes em relação ao dinheiro entre os entrevistados, que podem influenciar seu comportamento financeiro e suas decisões de gastos e investimentos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo teve como objetivo analisar como a educação financeira pode contribuir para a redução da inadimplência e no aumento de investidores na região metropolitana de Belo Horizonte.

Os resultados apresentados mostram que a correlação entre a formação acadêmica e a renda mensal, estão dentro a faixa “normal” apresentada, uma vez que a maioria dos respondentes estão cursando o ensino superior. Em relação a faixa etária dos respondentes, pode-se inferir que a grande maioria é composta por jovens adultos, sendo que a maioria dos respondentes tem idade entre 18 e 29 anos, com uma quase igualdade entre homens e mulheres.

Os resultados deste estudo evidenciam que a cultura familiar vivenciada no seio familiar está diretamente ligada à futura experiência dos filhos. Entre os respondentes que 62,9% afirmam que os pais são financeiramente organizados, e estes são os mesmos que consideram ter uma boa educação financeira.

Conforme apresentado acima a responsabilidade de ensinar às crianças o valor das coisas é inteiramente dos pais, e quando se trata de recursos financeiros, essa responsabilidade deve ser íntegra, para que a transferência de informações seja solidificada. Desse modo, a criança não terá dificuldades no futuro e entenderá que existem consequências que podem determinar sua vida em caso de má administração do dinheiro. Pais ou responsáveis que inculcem em seus filhos o valor das coisas tendem a criar adultos conscientes, que cuidarão melhor do dinheiro e realizarão um planejamento financeiro para adquirir bens e serviços.

Apesar da grande influência familiar sobre os valores monetários e o seu controle, verificou-se que o estudo autônomo da educação financeira é baixo, uma vez que a aderência por livros e cursos de finanças não é o foco dessa população. Isso permite concluir que a aderência desses meios ainda é baixa, uma vez que mais da metade dos entrevistados não realizou curso ou leu sobre finanças. Essa situação evidencia a necessidade de políticas públicas para ressaltar a importância da educação financeira para os indivíduos.

Ao investigar sobre a aderência da população aos investimentos, pôde-se inferir que a maioria dos entrevistados tem perfil de investidor conservador, preferindo segurança em suas aplicações financeiras. Como apontado nesse estudo, pessoas que preferem esse tipo de investimento – a renda fixa – têm baixo nível de compreensão financeira, ou seja, uma educação financeira limitada.

Tomar decisões conscientes sobre o crédito, investimento e consumo e realizar um planejamento financeiro garantem uma vida financeira mais sustentável, impactando não apenas a vida do indivíduo, mas também a economia do país. A educação financeira estimula a ampliação da compreensão dessas possibilidades, pois é o conhecimento que possibilita o desenvolvimento de uma relação equilibrada com o dinheiro. E, fica evidente neste trabalho que ainda há um longo caminho a ser percorrido para que a educação financeira seja efetiva de tal maneira que possa contribuir para a redução de inadimplentes e um aumento de investidores.

REFERÊNCIAS

ARCURI, Nathalia. **Dinheirofobia: precisamos falar sobre dinheiro**. In: ARCURI, Nathalia. *Me poupe!* Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2021. p. 17-27.

BERGER, Paulo Lamosa. **Mercado de renda fixa no Brasil: ênfase em títulos públicos**. Interciências, 2021. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=10tEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT4&dq=renda+fixa&ots=5UrsgYvLX6&sig=MYhQSbIxZLozCX09hIvM3dpYJbg&redir_esc=y#v=onepage&q=renda%20fixa&f=false. Acesso em 13 maio 2022.

BODIE, Z; KANE, A; MARCUS, A. **Investimentos**. 10. ed. Porto Alegre: AMGH, 2015

CENTRO OCDE/CVM de Educação e Alfabetização Financeira para América Latina e o Caribe. **Princípios e boas práticas de educação e conscientização financeira**. 2005. p. 5. Disponível em: [https://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/\[PT\]%20Recomenda%C3%A7%C3%A3o%20Princ%C3%ADpios%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Financeira%202005%20.pdf](https://www.oecd.org/daf/fin/financial-education/[PT]%20Recomenda%C3%A7%C3%A3o%20Princ%C3%ADpios%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Financeira%202005%20.pdf). Acesso em 01 maio 2023.

CERCO, A. L; BERVIAN, P. A; DA SILVA, R. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CNC. **Pesquisa de endividamento e inadimplência do consumidor**. CNC 2022. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2022/09/endividamento-familias-dividas-cnc-5set2022.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2022

D'AQUINO, C.; CERBASI, G. **Educação financeira: como educar seu filho**. Cidade: Editora, 2008.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Título do material que usou?. 2020. Decreto nº 10.393 de 9 de junho de 2020. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/d10393.htm. Acesso em: 30 maio 2022.

ENEF. **Quem somos?**. Enef. 2017. Disponível em: <https://www.vidaedinheiro.gov.br/quemsomos/>. Acesso em: 13 out 2022.

ENEF. **Conceito de educação financeira no Brasil**. Enef. 2017. Disponível em: https://www.vidaedinheiro.gov.br/educacao-financeira-no-brasil/?doing_wp_cron=1682944798.3632659912109375000000. Acesso em: 01 maio 2023.

ENEF. **Estratégia nacional de educação financeira**. 2022. Disponível em: https://www.vidaedinheiro.gov.br/educacao-financeira-no-brasil/?doing_wp_cron=1668042316.6468069553375244140625. Acesso em: 02 nov. 2022.

EXAME INVEST. **48% dos brasileiros não controlam o próprio orçamento**. Ano? Disponível em: <https://exame.com/invest/minhas-financas/48-dos-brasileiros-nao-controlam-o-proprio-orcamento-mostra-pesquisa/>. Acesso em: 02 nov. 2022.

FERREIRA, Natalia C; SILVA, Nicolle D. C; OLIVEIRA, Nicolle Y. A; XAVIER, Rayanne. S; LIMA, Thiago G. P; COSTA, Vinícius G. **Administração: A importância da educação financeira familiar**. Disponível em: <http://ric.cps.sp.gov.br/handle/123456789/9621>. Acesso em: 13 out 2022.

FDR. **Índices de endividamento crescem no Brasil e especialista emite um ALERTA sobre os riscos desse cenário**. FDR 2022. Disponível em: <https://fdr.com.br/2022/08/19/indices-de-endividamento-crescem-no-brasil-e-especialista-emite-um-alerta-sobre-os-riscos-desse-cenario/>. Acesso em: 12 nov 2022.

HOJI, Masakazu, **Finanças da família: o caminho para a independência financeira**. São Paulo: Profitbooks, 2007.

INTER. **Qual é a diferença entre investir e poupar?** Blog Inter 2022. Disponível em: <https://blog.bancointer.com.br/diferenca-entre-investir-e-poupar>. Acesso em: 14 nov 2022.

MARQUES, Flávia. **25 anos depois, saiba como o plano real mudou a economia do Brasil**. **Creditas**, 2022. Disponível em: <https://www.creditas.com/exponencial/plano-real-muda-economia-do-brasil/>. Acesso em 08 out 2022.

MINUCHIM, S. (1990. p. 57). **Famílias: funcionamento e tratamento**. (Tradução de J. A. Cunha). Porto Alegre: Artmed

NAIME, Laura. **Endividamento e inadimplência são os maiores em 12 anos: 8 em cada 10 famílias têm dívidas, aponta CNC**. G1, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/08/08/endividamento-e-inadimplencia-sao-os-maiores-em-12-anos-8-em-cada-10-familias-tem-dividas-aponta-cnc.ghtml>. Acesso em: 08 out 2022

NUBANK. **Inadimplência e Endividamento:** Qual é a diferença? Blog Nubank, 2022. Disponível em: <https://blog.nubank.com.br/inadimplencia-e-endividamento-qual-e-a-diferenca/>. Acesso em: 08 out. 2022.

PAIVA, Raiane Thainá *et al.* **O perfil do investidor individual no mercado financeiro.** Revista Vianna Sapiens, v.11, n.2, p.30-30, 2020. Disponível em: <https://www.viannasapiens.com.br/revista/article/view/694/363>. Acesso em 13/05/2023

PORTAL G1. **Entenda por que é importante falar de educação financeira no Brasil.** Disponível em: <https://g1.globo.com/especial-publicitario/papo-reto/noticia/2019/08/22/entenda-por-que-e-importante-falar-de-educacao-financeira-no-brasil.ghtml> Acesso em: 01 maio 2023.

SACCÓL H.N. ; PIENIZ, L.P. **Finanças comportamentais:** teoria do prospecto e perfil do investidor aplicados à estudantes de Administração e Ciências Contábeis da Unicruz. UNICRUZ, 2018.

SAMPIERI, H ; COLLADO, F. C; LUCIO, B. P. M. **Metodologia de pesquisa.** 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2019.

SERASA. **Endividamento:** como saber se faço parte da estatística? Disponível em: <https://www.serasa.com.br/limpa-nome-online/blog/endividamento-como-saber-se-faco-parte-da-estatistica/>. Acesso em: 05 nov. 2022.

TOLOTTI, Marcia. **As armadilhas do consumo: acabe com o endividamento.** – Rio de Janeiro: Elsevier, 2007 – 4ª Reimpressão.

UNESP ARARAQUARA. **Endividamento e inadimplência.** p.2. Disponível em: <https://www.fclar.unesp.br/Home/Departamentos/Economia/ncee/endividamento-e-inadimplencia---conjuntura-e-expectativas.pdf>. Acesso em: 13 maio 2023.

VEXTER. **Desafios da educação financeira no brasil e dicas para superá-los.** Blog Vexter 2021. Disponível em: <https://blog.vexter.com.br/educacao-financeira-do-brasil/>. Acesso em: 03 nov. 2022.

VIEIRA, Saulo F. A; BATAGLIA, Regiane T. M; SEREIA, Vanderlei J. Educação Financeira e decisões de consumo, investimento e poupança: uma análise da Universidade Pública do Norte do Paraná. **Revista de Administração da UNIMEP**, v.9, n.3, Set./ Dez., p. 62, 2011.